

“SOZINHO CONTRA O MUNDO INTEIRO”: REPRESENTAÇÕES DA INFÂNCIA E DA ADOLESCÊNCIA EM JOSÉ MARMELO E SILVA

DATA DE RECEPCIÓN:
19/04/2014

“SOZINHO CONTRA O MUNDO INTEIRO”: REPRESENTACIONES DE LA INFANCIA Y DE LA ADOLESCENCIA EN JOSÉ MARMELO E SILVA

DATA DE ACEPTACIÓN:
21/05/2014

“ALONE AGAINST THE ENTIRE WORLD”: CHILDHOOD AND ADOLESCENCE REPRESENTATIONS IN JOSÉ MARMELO E SILVA

Ana Margarida Ramos

CIDTFF - Universidade de Aveiro

anamargarida@ua.pt

Resumo: Pretende-se, neste estudo, proceder à análise das representações da infância e da adolescência em duas obras narrativas do escritor português José Marmelo e Silva. O tema da infância e da adolescência reveste-se de especial importância no contexto da literatura portuguesa do século XX, permitindo a reflexão sobre o contexto social e político, mas também económico e educativo, que enquadrava o crescimento das crianças e jovens. No conto “Narrativa bárbara” e na novela *Adolescente Agrilhoado* é visível a recriação literária do processo de crescimento e de afirmação identitária do adolescente, em contextos adversos e hostis.

Palavras-chave: infância; adolescência; Marmelo e Silva; literatura portuguesa; denúncia social

Resumen: Se pretende, en este estudio, proceder al análisis de las representaciones de la infancia y de la adolescencia en dos obras narrativas del escritor portugués José Marmelo e Silva. El tema de la infancia y de la adolescencia se reviste de especial importancia en el contexto de la literatura portuguesa del siglo XX, permitiendo la reflexión sobre el contexto social y político, pero también económico y educativo, que encuadraba el desarrollo. En el cuento “Narrativa bárbara” y en la novela *Adolescente Agrilhoado* es visible la recreación literaria del proceso de desarrollo y de afirmación identitaria del adolescente, en contextos adversos y hostiles.

Palabras llave: infancia; adolescencia; Marmelo e Silva; literatura portuguesa; denuncia social

Abstract: It is our purpose to analyze the representations of childhood and adolescence in two narrative texts of the Portuguese writer José Marmelo e Silva. The theme of childhood and adolescence is very relevant in the context of the Portuguese literature in the XXth century, allowing the reflection on the social and political context, but also on the economic and also the educational, of young people growth. In the short story "Narrativa Bárbara" and in the novel *Adolescente Agrilhoado* the process of growth and of the affirmation of a personal identity is literary recreated in adverse and hostile environments.

Keywords: childhood; adolescence, Marmelo e Silva; Portuguese literature; social critique

Ramos, Ana Margarida (2014). “Sozinho contra o mundo inteiro”: representações da infância e da adolescência em José Marmelo e Silva. *Elos. Revista de Literatura Infantil e Xuvenil*, 1, “Artigos”, 59-70. ISSN 2386-7620
DOI <http://dx.doi.org/10.15304/elos.1.1784>



1. Introdução. Infância e Literatura

Por motivações várias, nem todas de cariz estético ou ideológico, a infância constitui um *topos*¹ de elevada frequência na literatura canónica, percorrendo diferentes períodos, correntes e géneros. Multifacetadas, as imagens da criança espelham muitas vezes realidades adversas, servindo de filtro à denúncia dos autores. Relembremos, sumariamente, os casos clássicos de *Oliver Twist* (1838) e *David Copperfield* (1850), de Charles Dickens, ou *As aventuras de Huckleberry Finn* (1884), de Mark Twain, dois romances emblemáticos no que à visão do universo infantil diz respeito. Em ambos os autores, as personagens infantis permitem a recriação de todo um universo social onde se integram e do qual dependem, estabelecendo com ele relações de diversa índole sobre as quais recai a atenção narrativa. Relembremos, pela proximidade temporal, como em *Eça*, nomeadamente em *Os Maias*, são construídos ambientes infantis, nomeadamente os familiares, permitindo a comparação de diferentes modelos educativos e sociais, em torno de Pedro e Carlos da Maia e, também, de Eusebiozinho. Poderíamos, igualmente, evocar outras obras e autores, como Fialho de Almeida ou Trindade Coelho, para ilustrar o interesse por este universo.

60

Estudos recentes, como o de Madalena Teixeira da Silva (2005) ou o de Violante Magalhães (2008), sublinham o relevo do tratamento da infância na literatura portuguesa, mapeando um conjunto muito significativo de autores e obras onde a criança, de diferentes formas, ocupa lugar de destaque, possibilitando a reflexão sobre as suas várias implicações. A primeira autora centra-se no estudo do texto poético, nomeadamente a poesia de Miguel Torga, Vitorino Nemésio e Sebastião da Gama, analisando as diferentes figurações que o universo infantil aí conhece. Violante Magalhães, por seu turno, dedica-se ao estudo da ficção neorrealista, sobre e para a infância, indagando a representação da criança aí presente.



Relembremos, ainda, pela proximidade ideológica e estética dos autores trabalhados, o estudo de Carina Infante do Carmo (1998) dedicado ao romance de internato, entendido como fórmula suscetível de aproximação com o romance de formação e/ou de aprendizagem, e que recorta como corpus de investigação romances de Aquilino Ribeiro, José Régio e Vergílio Ferreira, percorrendo linhas temáticas particularmente produtivas, como a questão da clausura ou do afastamento familiar, e motivos como a janela prisional e a ligação do rapaz à comunidade.

¹ Esta é uma simplificação nossa para todas as possibilidades de que se reveste o tratamento literário da infância. Lembremos a análise de Magalhães (2008) quando a observa enquanto mito, arquétipo, símbolo, tema, motivo e personagem.

“Sozinho contra o mundo inteiro”:
representações da infância e da adolescência em José Marmelo e Silva

Interessam-nos as conclusões da autora sobre as representações do internato católico e as imagens do adolescente, simbolicamente conotado com a autenticidade, mas também com o inconformismo, confrontado com a clausura e almejando a libertação. Para Carina Infante do Carmo, a escolha desta personagem permite «uma construção literária de redenção, muito sedutora na sociedade portuguesa dos anos 30-50, e entra em diálogo com a representação literária da instituição escolar, num modelo já desacreditado: o regime interno, isolado e autoritário da escola» (Carmo, 1998: 24-25).

As aproximações literárias modernas ao universo infantil parecem, com frequência, percorrer universos que se prendem ora com a associação da criança a uma certa imagem mitificada do paraíso perdido, idealizando a infância como momento dourado e feliz, ora dando a conhecer uma imagem mais realista, às vezes mesmo sofrida e dolorida, como acontece com a infância agredida ou em risco. Para Madalena Teixeira da Silva, a infância constitui-se «como símbolo de uma existência quase edénica, inconsciente do pecado pelo qual o homem perdeu a sua unidade primordial» (Silva, 2007: 206).

Cada vez mais presente na ficção literária, a criança, entre a segunda metade do século XIX e sobretudo na primeira metade do século XX, «era consubstanciada na narrativa como um ser frágil inserido numa sociedade hostil, pelo que necessitava de proteção do adulto; não a tendo, vencia os obstáculos pela inata bondade que a caracterizava. Nessa criança regeneradora da humanidade prolongava-se, afinal, o *pathos* romântico» (Magalhães, 2008: 115). A sua presença, principalmente em meios social e economicamente hostis, conduz ao questionamento da sociedade, tornando-a, ainda segundo a mesma autora, num porta-voz exemplar da crítica social.

João Pedro de Andrade, no verbete «Infância na Literatura Portuguesa», incluído no *Dicionário de Literatura*, dirigido por Jacinto do Prado Coelho, sublinha que apesar de alguns exemplos esporádicos relevantes, é «só no romance dos nossos dias [que] a infância ocupa, ainda que fugazmente, lugar primacial» (Andrade, 1984: 468), exemplificando justamente esta afirmação com os romances de Aquilino Ribeiro, *Cinco Réis de Gente* (1948), de Joaquim Ferrer, *Rampagodos* (1940) e de Soeiro Pereira Gomes, *Esteiros* (1941). A enumeração estende-se a outros autores e obras do século XX, sem, no entanto, avançar com uma sistematização para a forma como é perspectivada.

Óscar Lopes, por seu turno, procurou estabelecer uma panorâmica diacrónica sobre a presença do «tema literário»² (1972: 123) da infância na literatura, destacando as inúmeras possibilidades de que se reveste. No que à ficção do século XX diz respeito, destaca as influências de uma «corrente psicológica a engrossar desde inícios do decénio de 1930» (Lopes, 1972: 129), sublinhando que obras como *Jogo da Cabra-Cega* (1934), de José Régio, ou *Internato* (1946), de João Gaspar Simões, correspondem a «uma sondagem, feita na memória racionalizada e adulta, a uma pretensa memória pura e involuntária, intuitiva ou transracional» (Lopes, 1972: 130), indelevelmente ligada a uma imagem idealizada e romântica da infância. A transição para o neorrealismo, contudo, permite um novo olhar sobre o universo infantil e adolescente que conhecem tratamentos de primeiro plano, como os que se verificam em *Esteiros* (1941), de Soeiro Pereira Gomes, por exemplo. Para Óscar Lopes, este autor distingue-se pela forma como consegue recriar o universo infantil, em particular o proletário, captando as «potencialidades humanas superiores, como a generosidade, a camaradagem, a fantasia, o humor, o fulgor da inteligência, através dos efeitos desumanizadores da exploração económica, e da ética decorrente dessa mesma exploração nas próprias reações mais imediatas e imaturas dos explorados» (Lopes, 1972: 133).

62

Para Violante Magalhães, a aproximação dos escritores a estes universos, «justificar-se-ia no ambiente de pessimismo e estagnação social então vividos» (Magalhães, 2008: 120), seguindo de perto a reflexão de Óscar Lopes sobre o facto de a experiência social e cultural dos autores limitar a imagem da infância, que perpassa nos seus textos, «a uma luz lírica de saudade rememorativa» (Magalhães, 2008: 134). Destaca-se, na transição ocorrida, a figura de Aquilino Ribeiro, pela novidade que caracteriza o olhar sobre a infância e a adolescência, permitindo destacar o que ela tem de instintivo e também de consciente das contradições e falsidades da realidade envolvente. A transição do psicologismo para «a consciência, mais ou menos literariamente efetiva, das mais largas implicações sociais da personalidade» (Magalhães, 2008: 135), ocorrida por alturas da década de 40, permite o tratamento realista de diferentes conflitos individuais e sociais. O ensaísta não passa ao lado da questão do internato, apresentando este motivo como uma excelente oportunidade para o tratamento «dos impulsos adolescentes, numa relação dramática de camaradagem e traição alternativa, de desentendimento com a ética adulta, e




² Para este autor, «a criança é muitas vezes posta, em ficção, a falar em nome da divindade ou da natureza. Atribui-se-lhe o que se julga ser a voz das origens. Mediante ela, procura-se restaurar o dom dos mitos, isto é, o dom do maravilhoso ligado a desejos indizíveis e a um ritual em que todo o grupo humano comunga emocionalmente, conferindo importância comum a dados momentos da vida individual. E é também através das reações infantis ou juvenis mais espontâneas que se denunciam os paradoxos resignados e costumeiros» (Lopes, 1972: 123-124).

“Sozinho contra o mundo inteiro”:
representações da infância e da adolescência em José Marmelo e Silva

num ambiente tão propício à fantasia mitificante como a uma elevada tensão de revolta e luta» (Magalhães, 2008: 136), de que são ilustrativos romances de Vergílio Ferreira, Marmelo e Silva e Alexandre Cabral.

Na *História da Literatura Portuguesa*, Óscar Lopes sublinha esta tendência, afirmando que «o romance da adolescência fora trazido à literatura portuguesa pela geração presencista, como corolário do seu introspetivismo, que é afinal um aprofundamento do memorialismo romântico» (Saraiva e Lopes, 1992: 1.088), sem deixar de destacar a assiduidade do tema na ficção neorrealista, nomeadamente com Soeiro Pereira Gomes. Sobre Marmelo e Silva, refere que este autor, «com uma grande e tensa sobriedade, sem prejuízo de certa força poética, deu o testemunho mais corajosamente realista das experiências de seminarista e miliciano» (Saraiva e Lopes, 1992: 1.089).

2. Representações da Infância em Marmelo e Silva



A obra narrativa de Marmelo e Silva, apesar de não muito extensa, oferece vários exemplos do tratamento do universo da infância e da adolescência, desvelando, mesmo sem o recurso ao registo de primeira pessoa, uma intimidade de onde não estão ausentes as dores do crescimento e da descoberta/construção da identidade, mas também as frustrações individuais resultantes da realidade social e familiar. As tensões e os dilemas são geridos de forma oscilante, ilustrando ambas as tendências contemporâneas da ficção de temática infantil e/ou adolescente, elencadas por Óscar Lopes, quer a mais próxima do psicologismo e a introspetividade presencista, quer a mais interventiva e realista, dando voz à crítica social, por exemplo. No caso de *Adolescente Agrilhado*, é mesmo possível ler a novela, na versão modificada a partir da segunda edição (1958), como sugere Rosa Maria Martelo (2002), como uma soberba síntese destas duas tendências.

Para este breve estudo, seleccionámos duas narrativas, respetivamente um conto e uma novela, por revelarem visões distintas da condição infantil e adolescente e dos constrangimentos colocados pela sociedade à sua fruição plena. Trata-se, a nosso ver, de um contributo para o mapeamento da presença da infância e da adolescência na literatura institucionalizada, dando conta da forma e da força que o tema conhece em autores e universos literários aparentemente distantes

da literatura para a infância, ressoando no sistema literário adulto. As visões da infância e da adolescência que a literatura adulta fixou, sobretudo as conotadas com a denúncia do sofrimento infantil, a clausura ou o isolamento, mas também a pobreza e a falta de perspectivas, encontrarão eco posterior nos textos dedicados aos mais novos, muitas vezes próximos do ideário neorrealista, como aconteceu com Alves Redol, Ilse Losa, Matilde Rosa Araújo e Maria Rosa Colaço, só para dar alguns exemplos.

2.1 «Narrativa bárbara»

«Narrativa bárbara», conto póstumo de *O Sonho e a Aventura* (1943) (2ª edição de 1965), abre com a descrição da trágica morte do pai do protagonista, a somar à perda precoce da mãe, condenando-o, ainda menino, à orfandade, dependendo da boa vontade de um tio e das sortes do mundo. Libânio cresce nas margens do Zêzere, entregue a si próprio, longe da escola e de uma educação formal. Esta primeira fase da existência, apesar de tudo, não lhe cria dores existenciais. A aceitação da sua condição parece inata e espontânea e o contexto em que vive, apesar de duro, é propício a um desenvolvimento tanto quanto possível estável e saudável. O tio não lhe autoriza a frequência da escola e o professor, quando esporadicamente o recebe, faz uso da violência física contra o rapaz. A imagem da escola é, quase sempre, construída de forma disfórica, uma vez que parece agudizar as clivagens sociais e culturais já existentes, não promovendo uma formação equilibrada e construtiva das crianças.

Talvez por isso é que o trabalho físico, na terra, apesar de duro, é apresentado como uma espécie de libertação, «possibilidade de viver sem medo e sem revolta» (Silva, 2002: 202). É aí, no trabalho dos campos de milho, cavalgando a roda da rega do tio Taimão, ao lado da prima Dosanhos, que se faz homem, desperta para a vida e para o amor. A ligação à prima, motivada pela proximidade familiar, tem contornos infantis, assumidamente ingénuos, mesmo se combina uma inocente dimensão platónica com a descoberta da sensualidade, às vezes pouco definida ou concretizável, quase instintiva e animalesca, ainda em erupção: «O Libânio e a Dosanhos nunca se tinham beijado boca contra boca. Em suas alegres brincadeiras, costumavam era morder-se – nos ombros, no pescoço – dar-se mutuamente palmadas selvagens nos quadris. Flexível como mola, ela saltava-lhe ao dorso e, num grito, ferrava-o, tantas vezes! – escapulia-se como lebre solta no espaço livre» (Silva, 2002: 204).



“Sozinho contra o mundo inteiro”:
representações da infância e da adolescência em José Marmelo e Silva

Ao livrar da tropa, Libânio coloca em causa o respeito próprio, inclusivamente, a sua masculinidade, sentindo-se diminuído perante os outros e a própria comunidade. Depois de descobrir o papel desempenhado por Dosanjós nesse processo, realizado à sua revelia, Libânio sente-se duplamente traído, pela entrega da mulher amada ao rival e pela descoberta de ter sido ele o motivo dessa entrega. A possibilidade de suicídio, como forma última de libertação da vergonha, do desespero e da opressão sofridos, chega a ser equacionada e tentada, ainda que, no último instante, impere a razão e coragem altruísta. A decisão de não se deixar afogar no rio, como acontecera com o pai, é simbólica do renascimento interior que ocorre em Libânio, e o desejo de vingança assume contornos capazes de o redimirem da vergonha da traição, do engano, da própria identidade individual e social. Noitebó encarna, afinal, a figura maléfica do latifundiário, explorador e predador, origem de todos os males de Libânio. O maniqueísmo que subjaz a esta estrutura é, de algum modo, compaginável com a brevidade e a contenção do texto, não permitindo um desenvolvimento menos linear das figuras principais. O facto de Noitebó ser sobretudo uma personagem a que outras aludem e não ter protagonismo ativo na narrativa permite que lhe sejam assacadas todas as faltas, funcionando como uma espécie de espectro que perpassa o texto, mas que também paira sobre todas as personagens e as suas ações. O desprezo de Libânio pelo patrão é claro e exprime-se desde a primeira oferta de intervenção de Dosanjós, no sentido de interceder por ele, livrando-o da tropa:

«- Porque não pedes ao “senhor do vale” a ver se ficas livre? – teimou ela.

- A quem? Ao Noitebó? (Cuspiu bruscamente, mofou): O cadeleiro! Pf!»

(Silva, 2002: 203).

A recusa em atribuir-lhe o tratamento habitual, uma vez que se tratava do proprietário do lugar, antecipa a confirmação das suspeitas de Libânio, receoso da proximidade entre a amada e o patrão: «Sabe Deus o negro pensamento que o consumia. “Levasse o Noitebó o suor de toda a gente, todo o milho, todo o feijão da terra, mas que a deixasse a ela em paz, no fundo do cerro. Somos tanto um do outro!”» (Silva, 2002: 204). A fama predatória do patrão, que o epíteto

“avejão” reforça, está ainda presente no nome³ da personagem, Noitebó, numa alusão à ave noturna, mestre no disfarce e na simulação, que apenas sai para caçar depois do pôr do sol. Senhor do vale, das terras, mas também dos corpos e das almas das gentes, Noitebó serve-se dos privilégios de morgado para se aproximar das raparigas, exercendo um anacrónico direito de pernada, atividade referida como “varejo”⁴, pela forma aparentemente indiscriminada como é realizada, sem qualquer oposição por parte dos homens.

A confirmação, pela voz de Samporritas, da traição de Dosanhos, corresponde ao clímax do conto, simbolizando a perda definitiva da inocência de Libânio que o crime final apenas reforçará. A sugestão destrutiva, de contornos apocalípticos, que decorre da revelação esclarece bem o sentimento de profundo desespero que atinge a personagem, verdadeiro abalo interior de proporções inimagináveis: «Viu a ruína das ruínas, os cavalos velozes do Apocalipse. Viu os ossos levantarem-se das sepulturas, caminharem para o juízo final» (Silva, 2002: 207). Em jeito de epílogo, a secura da conclusão do conto, parece exprimir mais a justiça do que a vingança do ato de Libânio, uma espécie de jurisdição popular que parece repor um ordem há muito perdida, a secreta justiça após anos de exploração, de vergonha e de humilhação: «Para o Noitebó, que se passeava sobre o dorso dos caseiros do vale, não havia respeito, nem honra, nem temor de Deus. Sempre levou a melhor, mesmo contra os pobres todos juntos» (Silva, 2002: 208). Sem estabelecer uma relação explícita com os acontecimentos anteriores, as três linhas finais do conto, narrando o «suicídio inexplicável» (Silva, 2002: 208) do “senhor do vale”, ocorrido no dia seguinte, não deixam margem para dúvidas quanto à verdadeira autoria da morte do proprietário no exato lugar onde Dosanhos se entregara para livrar Libânio. Fechado o círculo, perdidas todas as inocências, os protagonistas veem-se súbita e tragicamente arrancados da infância idílica onde viviam, confrontados com uma realidade onde os poderes e as hierarquias se unem contra os mais fracos. O adjetivo presente no título do conto - «Narrativa bárbara» - é, pois, passível, de diferentes leituras. A barbárie, associada, de forma mais ou explícita ao crime cometido por Libânio, também se aplica ao comportamento de Noitebó, de herança feudal e sem escrúpulos. A barbaridade reside, ainda, no sistema social que enforma a ação, injusto e imoral.



³ Veja-se, igualmente, as potencialidades simbólicas do nome da personagem feminina, Dosanhos, reforçando a imagem idealizada, inocente e pueril, que dela constrói Libânio.

⁴ As várias expressões são sintomáticas da conotação pejorativa deste ato de usufruto das mulheres, próximo do consumo ou de uma competição rotineira e cíclica, e claramente distinto da sedução: «Vem começar o varejo» (205); «Vem arrebanhar as cachopas» (205); «Vem apalpar as nossas mulheres e nós nem tugimos nem mugimos. Lorpas!» (205).

2.2 *Adolescente Agrilhado*

A questão da perda da inocência, associada ao fim da infância, também é uma das linhas coesivas da novela *Adolescente Agrilhado* (1958), cuja primeira edição fora batizada simplesmente de *Adolescente* (1948). Na terceira edição, datada de 1967, em prefácio autógrafa, o autor assume a dimensão autobiográfica do texto, revelando a sua posição face ao acolhimento crítico que a narrativa recebeu. Próximo do romance de formação, pela forma como acompanha uma fase crucial do desenvolvimento da personagem, a novela toca ainda questões ligadas ao complexo processo de construção da identidade, aos conflitos familiares e geracionais, à educação em regime de internato religioso, entre outros aspetos. Para Rosa Maria Martelo, o processo de reescrita que o texto conheceu permitiu uma sua aproximação ao universo neorrealista, destacando as implicações sociais dos vários processos individuais narrativamente recriados: «o processo de reescrita desenvolvido na versão de 58 prende-se com este tipo de redimensionação do percurso psicológico de Luís Miguel e reflete uma maior atenção ao modo como os condicionalismos de ordem social determinam a sua evolução» (Martelo, 2002: 273). Neste sentido, e segundo a mesma autora, a reescrita, sem «rasurar a ênfase colocada no conflito psicológico da personagem central» (Martelo, 2002: 276), vem «conferir uma dimensão mais realista a esse conflito, isto é, integrá-lo numa circunstancialidade histórica em devir» (Martelo, 2002: 276), combinando «uma mundividência de matriz presencista (...) com a perspectiva mais atenta aos conflitos de ordem social e política do romance neorrealista» (Martelo, 2002: 277).

Em *Adolescente agrilhado*, a imagem traçada de Luís Miguel, desde as primeiras páginas, ainda criança, é reveladora de uma particular atenção em relação ao que o rodeia, mesmo se distante e desconhecido. A cidade, símbolo do progresso distante e da atividade constante, ou a mina, associada ao trabalho ininterrupto, mas também às lutas laborais, provocam no infante uma certa agitação interior, conduzindo-o a questionar os adultos sobre estas realidades desconhecidas. As dificuldades económicas da família, a braços com a magreza dos rendimentos e o peso das dívidas, rendas e contribuições, acentuam o sentimento de injustiça que perpassa o texto, mas também agudizam a consciência social, a denúncia e a luta e intervenção. O estabelecimento claro de uma dicotomia entre a cidade e a aldeia coincide com a perda da inocência ocorrida sob a forma da humilhação na escola, depois da apreensão do bilhete amoroso para Isa, a filha do professor. A

consciência de classe é agudizada pela chacota dos colegas, não solidários com o sofrimento do companheiro. Descobrimo-se «sozinho contra o mundo inteiro» (Silva, 2002: 287), a criança busca formas de se afirmar num mundo adverso e hostil, buscando reconhecimento e a valorização dos outros. A consciência da sua inteligência, a possibilidade de sair, através da educação, dos limites estreitos da aldeia (e do que eles significam em termos de futuro), mas também uma certa fragilidade emocional, conduzem o pequeno herói a desejar vivamente seguir uma vida religiosa, da qual constrói uma imagem idealizada, ingressando no seminário. O salto diegético de seis anos que se verifica na narrativa corresponde a esse período de ausência de Luís Miguel da casa familiar, até ao momento do regresso do seminário. A chegada a casa, clandestino, a meio da noite, depois da expulsão do internato, metaforiza a queda sofrida, sobretudo face às elevadas expectativas de todos, suprema humilhação pela frustração de todas as esperanças. Ainda assim, é na família que, apesar de tudo, Luís Miguel encontra acolhimento e renova a esperança num futuro incerto.

A transformação ocorrida na personagem neste espaço de tempo é notória e visível, afastando-a irremediavelmente do meio original. Física e emocionalmente diferente da família e do resto da comunidade, incapaz de adaptar no universo de onde é oriunda, mas tendo igualmente vedado o acesso a outras realidades mais promissoras, a personagem embrenha-se num processo de autodescoberta, explorando os limites da sua existência, mas também os da moral. As memórias do seminário, lugar de opressão e de intolerância, quando não de violência, os remorsos, a ausência de perspectivas e de soluções de futuro, o ócio e a boémia, e os escândalos sucessivos condicionam a existência da personagem, a braços com dúvidas e dilemas existenciais irresolúveis. A indefinição quanto ao futuro, resultante dos estudos interrompidos e das poucas posses familiares, parece conduzir o adolescente num torvelinho de emoções contraditórias, rumo à depressão e, até, ao desejo de morte como derradeira libertação. Pelo meio, o afeto infantil por Isa ganha corpo, mas não encontra forma de concretização. O desejo físico de Luís Miguel é, por uma questão de proximidade, quase de instinto, desviado para a cunhada Helena, uma espécie de Eva que se lhe atravessa à frente, recetiva e tentadora, desafiando-o. As experiências-limite com Queiró, a indefinição que caracteriza a sua existência diária, a desilusão que se vai acumulando à sua volta e que se torna palpável nos olhares e nas palavras dos outros criam na personagem uma nostalgia da infância recente, conotada com uma certa felicidade que resulta da inconsciência: «Por momentos desejou não ter crescido assim e, se pudesse, voltaria a menino, voltaria a ser alegre, a brincar na rua, a travar batalhas memoráveis» (Silva, 2002: 349). Palco de difíceis lutas interiores, a consciência do adolescente procura processar, digerindo e controlando, a emergência de



instintos desconhecidos, rapidamente conotados com forças demoníacas. Atormentado, revoltado, insatisfeito, dominado por uma imaginação febril, Luís Miguel procura desesperadamente um lugar no mundo, uma forma de dar sentido à sua existência, mas também aos seus ideais de justiça e de serviço. O idealismo que caracteriza a personagem parece ter sido, aliás, a primeira vítima do seminário, uma vez confrontado com as desigualdades e as injustiças no tratamento dos internos, espelho nítido da sociedade extramuros. O momento do conflito aberto com o pai (e a família em geral) acaba por ser decisivo para a reorganização do futuro do jovem, funcionando como um choque que lhe devolve a lucidez momentaneamente perdida: «“Desci às profundidades do meu ser – escreverá pouco depois – e encontrei o caminho, a verdade e a vida que buscava”» (Silva, 2002: 374). Esta metáfora da queda e ascensão, de nítido recorte religioso, como a expressão “caminho, verdade e vida”, configura, afinal, a descoberta de uma via alternativa, assumidamente laica e progressista, ligada à instrução dos mineiros, mas também à sua formação cívica e política, denunciando injustiças e desigualdades e acordando-os para os seus direitos. A prisão final, apesar de tudo, configura mais uma cena de libertação, carimbando a definitiva maturidade da personagem, a sua afirmação individual, o cumprimento de uma missão que desde sempre buscara, do que uma perda. A alusão ao fogo prometeico parece anunciar um mundo – e um tempo! – novo, derradeira esperança dos mais fracos e oprimidos: «Voltarei liberto e portador do fogo, companheiros» (Silva, 2002: 386), o mesmo fogo redentor que quase consumira o seminário, afinal a verdadeira prisão que quase lhe tolhe a existência. O crescimento e o amadurecimento, também nesta narrativa, decorrem da perda da inocência de forma brusca e violenta, em resultado da separação da família e da entrada no internato. As expectativas idealistas da criança esbarram na realidade dura, cruel e injusta do seminário de onde sai em absoluta desorientação e crise existencial, impreparado para o mundo que o espera.

Conclusões

Momento crucial da existência, decisivo para a construção da identidade, mas também para a afirmação de uma determinada personalidade, a passagem da infância e/ou adolescência para a idade adulta é recriada, em Marmelo e Silva, com especial atenção e acutilância. Afastando-se do egocentrismo infantil, o adolescente é muito cedo chamado a conhecer e a enfrentar as duras

realidades da existência, enfrentando universos socialmente adversos. A perda da inocência corresponde, quase sempre, a uma necessidade de afirmação e de superação, individual e coletiva, derradeira e dolorosa prova de maturidade. «Sozinho contra o mundo», sendo o mundo a escola, o seminário, a exploração e a injustiça, o adolescente parece encontrar dentro de si as forças necessárias para se construir homem e nascer de novo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andrade, J. P. (1984). “Infância na Literatura Portuguesa”. Em Coelho, J. do P. (Dir.), *Dicionário de Literatura* (pp. 467-468). Porto: Figueirinhas. 3ª edição, 2º vol.
- Carmo, C. I. do (1998). *Adolescer em Clausura. Olhares de Aquilino, Régio e Vergílio Ferreira sobre o romance de internato*. Faro/Viseu: Universidade do Algarve/Centro de Estudos Aquilino Ribeiro.
- Lopes, Ó. (1972). “A infância e a adolescência na ficção portuguesa”, *Modo de ler – Crítica e interpretação literária – 2*. (pp. 123-143). Porto: Inova. 2ª edição.
- Magalhães, V. (2008). *Sobressalto e Espanto*. Narrativas literárias sobre e para a infância, no neo-realismo português. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Consultada o 19 de abril de 2014, http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/531/1/17167_Microsoft_Word_Tese.pdf
- Martelo, R. M. (2002). «*Adolescente Agrilhado*. Apresentação». Em Silva, J. Marmelo e (2002). *Obra Completa de José Marmelo e Silva – Não aceitei a ortodoxia*. (pp. 269-277). Porto: Campo das Letras. Coordenação e prefácio de Maria de Fátima Marinho.
- Saraiva, A. J. e Lopes, Ó. (1992). *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora. 16ª edição.
- Silva, J. M. (2002). *Obra Completa de José Marmelo e Silva – Não aceitei a ortodoxia*. Porto: Campo das Letras. Coordenação e prefácio de Maria de Fátima Marinho.
- Silva, M. M. M. C. T. da (2005). *O novo rosto do paraíso – diálogos com a infância*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade dos Açores. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- _____ (2007). “Arte, imaginação e infância na poesia de Vitorino Nemésio”. Em Hoisel, E. e Ribeiro, M. F. (Org.), *Viagens. Vitorino Nemésio e intelectuais portugueses no Brasil*. (pp. 203-213). Salvador: Universidade Federal da Bahia/Direcção Regional da Cultura do Governo dos Açores.

